

a respeito de Moçambique, examinando as dissenções hoje existentes e as aspirações nacionalistas dos seus habitantes. Finaliza o excelente livro com o capítulo "Prospect and Retrospect" onde analisa uma série de proposições e de perspectivas.

A leitura das 143 páginas de texto é muito útil ao leitor brasileiro para compreender como na África os portugueses se superpuzeram aos povos nativos, organizando as colônias como áreas em que desenvolveram uma economia complementar da economia metropolitana e como vêm sufocando as aspirações nativistas dos povos negros. É assim o único império colonial que resta na África, onde os outros países que possuíam colônias como a França e a Inglaterra concederam a independência política aos territórios sob os seus domínios embora continuassem a controlar economicamente os mesmos. Finalmente trata-se de livro bastante realista que deveria ser traduzido para o português. — *Manuel Correia de Andrade.*

ORAÇÃO PELO POEMA

ALBERTO CUNHA MELO

Oração Pelo Poema

Edição de Estudos Universitários
Universidade Federal de Pernambuco
Recife — 1969

DO AUTOR:

CÍRCULO CÓSMICO (poesia)
Imprensa Universitária
Recife — 1967

PUBLICAÇÃO DO CORPO (poesia)
Inédito

A
meus pais
Maria Bernardete de Souza (minha noiva)
meus amigos

“Quem é aquêlo que obscurece assim a Providência
com discursos sem inteligência?

.....
Onde estavas quando lancei os fundamentos da Terra?”
(Livro de Jó-38-2, 6 — Discurso de Deus)

“¡Oh noche que guiaste
Oh noche amable más que el alborada,
Oh noche que juntaste
Amado con Amada
Amada en el Amado transformada!”
(San Juan de la Cruz)

1. *OS VERSOS MORTOS, AS PALAVRAS*

Escrevo de cabeça baixa,
por que levantá-la depois?
Não o faça para ser visto
pelos que passarem na estrada.

Viver na mesma posição
mas deixando a alma sair
pelos olhos e pela boca,
como água a jorrar de uma estátua.

Êste é o tempo em que Deus regressa
pelos quatro cantos da casa.
Vem desenterrar o poema
do meu corpo e gritar comigo.

Recebo-o diante do espanto
dos amigos que não o vêem,
tenho gestos incompreensíveis
e digo coisas já remotas:

Senhor, proteje meu poema
e obscurece com tua sombra
os versos mortos, as palavras
que sobram, o tempo perdido.

2. *NO TEMPO EM QUE AS CANÇÕES MORRERAM*

Senhor, dá-me a palavra brisa,
irmã das fontes, dá-me agora
qualquer palavra que refresque
a minha vida, para sempre.

Dá-me uma canção que me salve
no tempo em que as canções morreram,
para tocá-la no piano
velho, cada noite mais alto.

Cobre várias vèzes com a gaze
de tuas nuvens o vocábulo
ferido (como eu) na cidade
dos cegos, pisado por êles.

Levanta as brancas persianas
sôbre a manhã — que começa
quando ouvimos pronunciar
o nosso nome, uma palavra.

Dá-me novamente a esperança
de transmitir tôdas as coisas
novas, que a noite me disse
ou que teus anjos me disseram.

3. *ANTES QUE MORRAM DE VIVIDAS*

Quando pela noite repleta
de teus chamados, nas pequenas
vozes distingo tua voz
que me ensina a falar do tempo.

E certa noite me disseste
uma palavra que sufoca
tôdas as outras, mas não posso
pronunciá-la antes do sol,

antes que a vida amadureça
as esperas mais dolorosas,
antes que morram de vividas
as pequeninas locuções.

Seguro teu retrato: a túnica
inexistente já se move
ao vento do postal, com sombras.
Tua voz é mais verossímil,

surge como o vento noturno
que trouxe a página perdida,
e que me fez continuar
a luta, o poema parado.

4. *NADA EM TROCA RECEBERÁS*

Talvez as palavras se esgotem
neste poema, e aqui terminem.
Mas tenho a mesa iluminada
ainda, não me abandonaste.

Estás tão perto que me assusto
ao tocar nas cortinas: tôdas
rudes e brancas como a túnica
que os pescadores te ofertaram.

Senhor, estou cansado, senta-te
aqui, é tua vez agora.
Vem terminar o doloroso
poema, que enfrenta as estrêlas.

Faltam sòmente para o fim
duas estrofes corriqueiras,
e hás de encontrá-las para o filho
insone, operário três vêzes.

Nada em troca receberás
a não ser um outro pedido
de palavras, de outras palavras:
matéria, prima do poema.

5. *QUANDO DECIDIRES VOLTAR*

Deixaste-me um momento. Agora
ergo os braços para acender
velhas lanternas que não mostram
o perdido vocabulário.

Longe de ti o meu poema
vai esfriando como os rios
de outros países, vai freizando
gelado, no meio da página.

Pergunto agora pelos ventos
arrogantes dentro da noite,
pergunto agora que umedeço
em vão o gêsso do papel.

Sem ti entrego-me de todo
às exigências do meu tempo,
e começo a estender a fôlha
vazia, aos outros companheiros.

Quando decidires voltar
na alta madrugada, verás
o teu filho ainda parado
no último verso que ditaste.

6. Ó VENTO CONTERRÂNEO! Ó NUVEM!

Tocam-me de repente o rosto
as lufadas de luz. Eu nada
vejo mas estou incluído
no tempo, na manhã que chega.

Voltaste como um grande amigo
e por trás de mim colocaste
as tuas mãos sôbre os meus olhos,
mas não foste reconhecido.

Pouco depois, quando as palavras
fluiram fáceis, novamente,
eu compreendí que estavas perto
e meu poema foi crescendo.

Ó vento conterrâneo! ó nuvem!
passai depressa para os outros
poetas, mais necessitados
e mais sòzinhos do que eu.

Põe-se a meu lado quem defende
da malcriada ventania
o meu poema crepitando
como chama em cima da mesa.

7. DO COMPANHEIRO SUFOCADO

De nôvo mergulhei a pena
na água, deixaste-me de nôvo.
Ó cestinha de papéis, dá-me,
dá-me o meu lugar no mundo.

É tarde para desmanchar
a pose e tirar a gravata,
tudo já foi fotografado
de muito perto, por teus anjos.

Cheio de fogo e petulância
assinei o poema. Nem
de leve toquei no teu nome
Senhor, no teu ombro de névoa.

Saí de casa desviando
tôdas as brisas para mim,
e fechei a única janela
do companheiro sufocado.

Dentro das brisas de setembro
tua presença era demais,
e foi bom que me abandonasses
um pouco, antes que eu te perdesse.

8. *À MESMA HORA, HÁ LONGAS ÉPOCAS*

Ó eterno regressar de Deus
sôbre os sêres noturnos, todos.
Troco de roupa e de linguagem
para receber-te de nôvo.

Ir e voltar de tantas luzes
matutinas, de grandes tédios
roendo, como cães danados,
homens acuados no tempo.

Verão e inverno revesados
sôbre as cêrcas insuportáveis
que avistamos do mesmo ponto,
à mesma hora, há longas épocas.

Ó cansativo e apaixonante
viver, cruces acetinadas.
Ó sonho-atleta que venceste
tôdas as lutas conhecidas.

Competição no grande céu
de nuvens e andorinhas: todos
se viraram para o poeta
vivo, mas êle te apontou.

9. *APÓS TÔDAS AS DESISTÊNCIAS*

Publicar-se depois da morte
é dar, pelas costas, um pão;
é jogar um ramo de flôres
numa casa triste, e correr.

Pobre de mim que já mostrei
minhas palavras incompletas,
e recebí antes de morto
os meus direitos autorais.

Tôdas as tardes que me deste
foram consumidas na espera
de tardes que não prometeste
e meus poemas não trarão.

Jogo-me completo no rio
para engrossar a correnteza,
que entra pela casa das máquinas
e sai pelo quintal florido.

Senhor do tempo, dá que eu seja,
após tôdas as desistências,
o único afluente a chegar
às tuas águas no verão.

10. *ESCUTO APENAS AS PISADAS*

Sei que falo destituído
de tôdas as conquistas do tempo,
ainda tenho as asperezas
de certas coisas intocadas.

Essas novas escavações
devem chegar até meu corpo.
Escuto apenas as pisadas
dos amigos na superfície.

Preciso ser tocado, ainda
que meu corpo de areia sôlta
seja comido pelos ventos
ao ficar em cima da terra

Puseste minha voz sumida
numa sala subterrânea,
dá-me fôrças para cavar
por dentro e irromper num jardim,

ou a certeza de que serei
por um milagre descoberto,
quando os amigos resolverem
plantar aqui uma roseira.

11. *COM A VELOCIDADE VAZIA*

Tudo condenado a nascer
e essa urgência de terminar
o que será realizado
de qualquer maneira a seu tempo.

Com a velocidade vazia
de um cometa despovoado,
jogo na cesta de papéis
todos os convites da noite.

Dá-me a certeza de voltar
ao sítio, onde tôdas as tardes
velhos eucaliptos me ensinem
como estender as longas sombras.

Planta ao meu lado qualquer coisa
que demora a crescer, mas cresça
por dentro, como as criaturas
do teu reino desencantado.

Manda que teus anjos afastem
do tempo e de nossas cabeças
a nuvem mórbida que apressa
o trigo e retarda a manhã.

Se escuto apenas o rumor
da chuva — não está chovendo.
Só chove quando estou molhado
e a planície despovoada.

Então desenrola o poema
tépido, cobre-me com êle:
o cobertor impermeável
contra o tempo, tempos depois.

Já não podemos confiar
no sol, um crédito suspenso,
e perco todo o meu verão
conferindo meus agasalhos.

Chuvas de pedra, são teus anjos
nos baleando das sacadas.
Chuvas de pedra, são teus anjos
sublevados, quebrando as telhas.

Quero estar longe, muito longe
dêsse comêço de revolta:
numa estrada onde lá em cima
não há céu — estrada do céu.

Por que levarei adiante
êste poema ameaçado?
Por que levarei esta vida
tão ameaçada também?

Poesia, poema, por que?
Disso tudo possuis, Senhor,
a chave no bolso da túnica
ou deste a algum anjo a resposta?

Seminovas meditações
sobre a palavra. Nós falávamos
longamente de nossa angústia
e eu tentava falar mais alto.

Poemas ditos e no fim
fazíamos o mesmo trajeto.
Nossas mães e nossas irmãs
olhavam-nos: “tudo perdido”.

Quando as vozes ultrapassadas
falavam de tua existência,
nós escutávamos calados,
pensando em novas descobertas.

O poema ataca de noite
os seres desarmados. Com
requisites de perversidade,
êle aproveita a tua ausência.

Vem equipado, trás nos ombros
os instrumentos da tortura,
as palavras que não desistem
de entrar à fôrça no meu sonho.

O teu ser é impronunciável
e estou cercado de palavras
que procuram, a todo custo,
passar à frente do teu nome.

A minha voz dentro da sombra
é revesada — escuto passos
e sei que algo me levará
daqui a pouco, não teus anjos.

Ainda é noite e sou jogado
às pedreiras do desencanto,
ao trabalho forçado, às grandes
injunções do tempo sem Deus.

Os filamentos da desordem
emaranham minha esperança
e misturam tôdas as partes
de meus poemas terminados .

Mas êles não têm fim, repetem-se,
formam famílias numerosas,
criam asas, levantam vôo,
e tornam-se velhos no céu.

Dá-me, Senhor, essa humildade
de amá-los até mesmo quando
limitados pela exigência
do tempo e a ingratidão dos homens.

Se não conseguem reparar
peças do mundo, ficam vendo
o espetáculo — ainda é cedo
para desmontar o boneco.

Sempre será cedo, que possam
antes dos outros escutar
alguns passos no quarteirão
e adivinhar a tua volta.

Senhor, êste poema sabe
o número certo de mortos:
acaba de ler os jornais
do dia, e não está contente.

Olha teus anjos, mas não perde
de vista as patrulhas que rondam
as alamedas do teu reino,
como disse, desencantado.

Entra furioso no templo
para pedir-te explicações,
e tocar os sinos mais altos
e provocar tua inocência.

Volta sem flôres do mercado
(para não falar noutra coisa
que magoa a forma discreta
de acusar o tempo que passa).

Segue furtivo e camuflado
como um lagarto, pelas fôlhas:
Senhor, êste poema sabe
de tudo, mas não quer dizer.

Sob o silêncio geométrico
do pátio nôvo, descoberto,
a Lacônia reconstruída
convoca os seres apressados.

Repartem uma só palavra
entre si, como se fôsse a última,
porque não podem cultivar
outra rosa mais numerOSA.

Será o amor? (ó que pergunta
ridícula para um poema).
É tua voz renunciada
pelos quatro portos do mundo.

Tentam, lacônicos, deter
o grande rio de vocábulos
com reprêsas que têm apenas
a espessura da pobre página.

De tão fracos, são meus irmãos:
tão ocupados em freiar
as velhas águas, que não sabem
quanto chove nas cabeceiras.

18. *ENTRE MUITOS HOMENS NA ESTRADA*

Agora mesmo perguntaram
porque eu, altas horas do Século,
tal como um cão retardatário,
venho arranhar a tua porta.

Acharam fora de propósito
a maneira como me arrostou
contra tua túnica, rasgando-a
cheio de furioso amor.

Não sabem que te peço a nova
beleza despreocupada,
ante a qual êste meu poema
será simples mata-borrão,

que busco pegar a palavra
entre muitos homens na estrada:
despí-la dentro do ataúde
e fecundá-la novamente.

E nem ao menos compreendem
minha devida gratidão
à grande voz que nomeou
antes de mim tôdas as coisas.

19. *ANTES DE ENCONTRAR A PALAVRA*

A manhã não deve surgir
antes de meu poema acabar,
antes de encontrar a palavra
certa, para o dia seguinte.

Êste poema é a resposta
que pedí e nunca me deram,
é o outro braço que faltava
para prender minha esperança.

Egresso de uma vida comum
e aparentemente perdida,
soube atingir o ponto alto
(não muito alto) do que sou.

Escadas retorcidas, trechos
de desespêro organizado
e previsões, as mais absurdas,
emergem salvas como sôlhas.

Que esta vida e minhas palavras
sejam pedra na superfície;
sejam flôres, mas endureçam
na hora de serem arrancadas.

Logo mais baterão na porta
e partirão o meu poema,
e assim partido, seus pedaços,
embora vivos, se repelem.

Há uma fila interminável
diante desta velha máquina:
que venha o próximo, serei
substituído por mim.

Sinto-me verdadeiramente
na chegada, e todo caminho
em volta é caminho da volta
que de modo algum tomarei.

Depois de ti, dize-me, que outro
ponto eu ousaria atingir?
O País dos Brinquedos? o Jôgo
lúdico cheio de ventosas?

Não vale a pena me afastar
antes do tempo, de mim mesmo,
mas devo acompanhar minha alma
que agora mesmo te acompanha.

Sòmente uma tranquila réstea
de teu vulto ainda consegue
tocar-me a vida neste instante,
e iluminar o meu poema.

E o que há de limpo, o que há de luz
(merecida, apesar de tudo)
entram pela telha quebrada
ou pela porta semi-aberta.

Uma réstea na minha face,
atuante, imperceptível,
dá-me por alguns momentos
grandes vantagens sôbre o mundo.

Eu não preciso de teu sol
inteiro, sôbre a minha casa,
basta que venhas clarear
por alguns instantes a página.

E levantarei nessa hora
a canção que todos disseram
estar perdida, e está apenas
emperrada dentro de mim.

22. DESTA NOITE NÃO SAIRÁ

A multidão que me jogou
nesta aldeia tão afastada
não sabia que aqui estavas
à minha espera, há tanto tempo.

Tôdas as coisas arrastadas
com sacrifício para o quarto:
desta noite não sairá
uma só palavra vazia.

Tudo que havia para ser
levado o vento já levou,
e só resta o que restará
por muitos anos sôbre a Terra.

Cabe-me apenas a meu jeito
copiar tudo que encontrei
germinando em volta dos templos
mortos, à minha revelia.

Aceitar a bandeira branca
da página, lutar por ela,
e plantá-la nos pontos altos
de minha vida até aqui.

23. DOS TRÊS TEMPOS IMAGINADOS

Conheço minha letra, escrevo
para mim, escrevo à vontade.
Mas cada dia sou de mim
mesmo, um diferente leitor.

Palavras lidas e vividas,
as únicas pronunciadas,
e tudo seguirá o curso
alegre ou triste das crianças.

Minha voz é o vocabulário
pobre ou rico dêste momento.
Só meus olhos serão forçados
a ver muito além de mim.

Mas tudo cresce sob a tua
luminosa supervisão.
Cabes em todos os poemas
dos três tempos imaginados.

Novas idéias, novas formas
por todo lado me comprimem:
mas eu defendo minha flôr
e saio vivo da cidade.

24. TANTAS VÊZES NA SUPERFÍCIE

De repente surge a vontade
de ficar nesta rua clara,
e comungar as alegrias
que sobem, bolas coloridas.

É a festa da grande estação
explodida em setembro, quando
todos caminham para a praia
e me acenam dos caminhões.

Meu verso curto é pequenina
trena medindo o horizonte,
e é cansativo colocá-lo
tantas vezes na superfície.

Ó semicírculo do mar,
arco voltaico do verão,
não saberei ainda o que
falta, neste bojo de luz.

Sei tão somente retirar
do bolso o bloco de papel,
e anotar com as últimas tintas
do teu sol o sono do tempo.

25. A PAZ, O CAMPO DE ALGODÃO

Como um vento muito pesado,
cheio de lágrimas e cinzas,
o poema vai saqueando
a paz, o campo de algodão.

Mas não sabia que êste mundo
precisasse tanto de música,
e que voltasse a ser um disco,
agora um disco musical.

Estou liberto para ser
devorado pela palavra.
Que houve contigo que me deixas
esquecer-te rapidamente?

Não tarda que eu tome o partido
do companheiro presunçoso,
que julga poder enfrentar
sòzinho um poema no mundo.

Daqui a pouco sairei
empurrando minhas palavras:
animais tristes, que só andam
quando sentem tua presença.

A cem quilômetros por hora,
solto a direção do automóvel,
para escrever alguma coisa
mais urgente que minha vida.

Devo portanto utilizar
o vocabulário econômico
do Século: é proibido
amar, fumar, pisar na grama.

Mas gostaria que restasse
algum tempo para dizer
no poema as palavras súbitas
de sofrimento e remissão.

Ó meu Deus, eu quero escrever
a minha vida, não teu Céu.
Eu estou só e enlouquecido
como as ovelhas mais longínquas.

Dá pelo menos a esperança
de terminar o doloroso
poema. Dá isso a teu filho
caído, e coberto de sal.

Sob a chuva de outra estação
estas mangueiras não florescem:
lenta e definitivamente
me levantas, Senhor do Tempo.

Crescerão apenas as frutas
que o ramo triste suportar.
Tôdas as demais cairão
verdes, na pocilga assanhada.

Vamos suportar a demora
de Deus, a Poesia: longa
espera, longa paciência
ante os olhos que tudo viram.

Não tocarei as campainhas
de prata, mas com meus poemas
te alcançarei, Forma Azulada,
quando chegar a grande época.

Surgirei diante dos pássaros
de minha espécie (não teus anjos),
para ensinar-lhes a cantar
com humildade os supremos cantos.

Na vigésima oitava parte
de meu poema estou perdido:
velhas palavras, como dentes,
apodrecem na minha boca.

Sabes de cor as pretensões
impúblicáveis de teu filho:
o original que tens na mão
é cópia de um rebanho inteiro.

Aos gritos, mas cheio de amor
apesar de tudo regressas
com teus mapas acompanhados
de asas do último modelo.

E me apronto para escrever
como se fôsse viajar
à noite, com tua lanterna
incidindo sôbre meu sonho.

Tua luz vai forrando tudo:
cai como a chuva e vai tornando
navegável, por muito tempo,
êste meu rio pequenino.



O teu filho distanciado
da própria época não sabe
se é ontem ou se é amanhã,
qual o tempo que é, e que perde.

Julga às vêzes pronunciar
a oração que foi omitida.
Mas desde quando o berro humano
te chama, entre pilhas enormes?

A Tôrre de Babel, de livros,
precipitada sôbre a úmida
terra dos grandes alagados,
onde os homens baixos morreram.

Meu desespêro submisso
parte a coleira de repente:
Dá-me a fôrça de dominá-lo
ainda, pela última vez.

É o dedo inútil me acusando
diante de ti, que me conheces.
Pobre Terra, fôrça florida,
razão de ser e de chorar.



Senhor, nesta manhã de outubro,
ainda com o jeito de quem ia
reiniciar longa viagem,
meu poema chegou ao fim.

Agora todo meu trabalho
é procurar uma palavra
que te agradeça humildemente
tôdas as outras que me deste.

Entretanto, nem mesmo isso,
posso sôzinho conseguir:
Dá-me, Senhor, essa palavra
antes que chegue o último verso.

Que ela se espalhe como as brisas
dentro das minas, de repente,
e una-se sólida na hora
em que apertar a tua mão.

Quero morrer, quero alcançá-la,
e já começo a perseguí-la,
como se fôsse uma serpente
que fugisse com minha morte.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

(Anteriormente publicada sob o nome:
Estudos Universitários. Revista de Cultura
da Universidade | do | Recife)

Editada, trimestralmente, pelo Departamento de Extensão
Cultural da Universidade Federal de Pernambuco.
Impressa nas Oficinas Gráficas da Imprensa Universitária
Capa de Wilton de Souza

Número avulso: NCr\$ 1,50; atrasado: NCr\$ 2,00

Assinatura anual (quatro números): NCr\$ 4,00

Estrangeiro: número avulso: US\$ 1.00;

atrasado US\$ 2.00

assinatura anual US\$ 6.00

ENDERÊÇO: Rua Gervásio Pires, 674 — Fone 22-486

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Est-s univ-s R. Cult. Univ. Fed. Pe., Recife, 9 (1): p. $\frac{1-178}{1-40}$ janeiro-março. 1969